

## FOTOGRAFIA ANALÓGICA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO: ÁGUAS DE MEMÓRIAS E IMAGINÁRIOS

REBECA FRANCO FONSECA DE FREITAS<sup>1</sup>;  
CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – rebeccafancoff@gmail.com 1

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – claumattos@gmail.com 2

### 1. INTRODUÇÃO

Este resumo traça paralelo entre fotografia analógica, água, memória e imaginário no processo de formação, a partir da oficina de fotografia analógica *Visto Jamais Visto* (2023), ministrada pela pesquisadora na cidade de Taquari (RS). A discussão apresentada embasa o projeto de dissertação da autora deste resumo, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Artes (CA/UFPEL), na linha de Pesquisa Educação em Artes e Processos de Formação Estética, vinculada ao PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação.

A oficina *Visto Jamais Visto* instigou a fabulação do cotidiano em Taquari, uma cidade que beira a bacia hidrográfica do Rio Taquari, porto natural de navegações comerciais importantes para a economia do estado, já que as águas do Rio Taquari drenam um total de 98 municípios. A maioria dos registros fotográficos dos discentes foram feitos na região do Rio Taquari, seus entornos e suas margens.

Um ano depois da oficina, em 2024, Taquari sofreu com uma das maiores inundações da história do estado, em decorrência de chuvas intensas e contínuas que fizeram o Rio Taquari ultrapassar a marca histórica de 31 metros de profundidade. Houve danos irreparáveis à população com desaparecidos, mortos e desabrigados.

A catástrofe se estendeu por diversas cidades gaúchas como Estrela, Canoas, Lajeado, Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande, mobilizando o país e o mundo (Alencar; Barros, 2024). Desta maneira, este resumo considera a urgência de analisar as similaridades entre as águas da memória e do imaginário, que nascem da sua confluência com a fotografia analógica no processo de formação.

No quadro teórico, é abordado o conceito do imaginário como parte integrante das análises sobre as transformações na sociedade contemporânea e do indivíduo (Durand, 2001), traçando um paralelo entre água e fotografia analógica como formas que despertam coletivamente e individualmente o imaginário e a memória afetiva (Guillaume, 2003), com estudos sobre a natureza das lembranças e certos estímulos sensoriais, além do elemento da água como suscitador do imaginário equiparando com a fotografia (Bachelard, 1978).

Ponderando sobre o acima exposto, identifica-se como problematização balizadora da pesquisa: Quais as relações entre água, fotografia analógica, imaginário e memória com base na oficina gratuita promovida na cidade de Taquari? Com base nessa indagação, o objetivo é de refletir a importância da fotografia analógica no processo de formação do indivíduo.

Em síntese, este resumo faz o exercício de refletir as águas das memórias, contemplando o imaginário através de uma oficina de fotografia analógica. Com o intuito de remar contra a corrente da produtividade acelerada que pode ocasionar em uma inundação de dispersão, desafiando um pensamento crítico sobre os modos de vida capitalistas, defendendo uma abordagem de vida mais

contemplativa. Um convite para repensar os impactos do progresso, da superprodutividade hegemônica digital, através da fotografia analógica.

## 2. METODOLOGIA

O método utilizado é o de análise da experiência a partir da perspectiva docente da pesquisadora na oficina *Visto Jamais Visto* (2023), elencando pontos de encontro e também de divergências entre água, fotografia analógica, memória e imaginário. A água e a fotografia são vistas aqui como motivadoras de reflexões internas e externas, carregadas de ambivalências de memória e imaginário. Opostas e análogas respectivamente, como a vida e a morte, duas faces da mesma moeda. Tanto a água do rio quanto a fotografia podem se complementar e opor em seus próprios significados.

Por exemplo, a água pode refletir características turvas e cristalinas; agitadas e calmas, assim como também a fotografia espelha imagens diversas com desfoque e nitidez; sombra e luz, por exemplo. Bachelard (1978) explora como a água, em suas várias formas e manifestações, influencia a imaginação e as emoções. Ele analisa a água não apenas como um elemento físico, mas como uma substância contendo significados simbólicos e poéticos. O autor examina como a água, em várias culturas, representa tanto a vida quanto a morte, o nascimento e a renovação.

Na fotografia analógica, em seu processo de revelação de imagens, é necessária a lavagem em água corrente, ou seja, nasce a imagem através das águas. Além disso, ela registra a vida. Mas também dela nasce a morte, possibilitando eternizar o passado em imagem. Com ela também é possível repercutir imaginários padronizados com determinadas normas sociais, tipos de comportamento.

Por outro lado, denuncia e discute novos mundos com maior diversidade e inclusão. Tanto a água, quanto a fotografia têm características semelhantes que podem se complementar e/ou se provocarem, contraporem. Ou seja, esta pesquisa acredita que o imaginário, representado através de imagens, dos discentes sobre a cidade de Taquari, de acordo com Durand (2001), vem de uma mina d'água. Ocorre a partir do afloramento das águas subterrâneas antecessoras aos alunos e dão início à formação de pequenos riachos que, por sua vez, darão origem aos rios imaginários.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Salienta-se aqui a reflexão sobre a prática da fotografia analógica no processo de formação, como um movimento contra hegemônico de percepção do cotidiano, desnaturalizando os lugares que são colocados como naturais pelo capitalismo radical. A fotografia analógica aplicada na oficina *Visto Jamais Visto* (2023), incentivou que os alunos olhassem para trajetos cotidianos com mais atenção àquilo que passa despercebido pela correria imposta pela dinâmica capitalista acelerada, conectada à rapidez da fotografia digital.

A contemporaneidade é marcada por “um dilúvio de imagens pré-fabricadas que inundam a humanidade” (Calvino, 1990), derivado do industrialismo, desafiando a capacidade humana de salvaguardar as imagens na memória. Isso faz com que a imensa quantidade produzida e propagadas de imagens percam

importância e tornem-se descartáveis. Nesse sentido, faz-se importante discutir sobre imaginário e memória em produções fotográficas contemporâneas.

A natureza das águas imagéticas é como fonte secundária de luz, pois as fotografias rememoradas através de memórias e imaginários são como corpos iluminados, possuem sua cor definida pela luz que ilumina, ou seja, depende do contexto, da bagagem de experiência de quem interpreta (Kossoy, 2001). Portanto, os registros fotográficos dos discentes são livres para diversas interpretações, produtos de um processo construtivo e criativo de cada fotógrafo. São fragmentos, únicos, fugazes, de tempo e situação passados que não se repetem.

De acordo com Guillaume (2003), a memória afetiva refere-se à capacidade do cérebro de recriar e associar lembranças a experiências emocionais frente ao efêmero. Essas rememorações afloram vívidas e significativas quando em contato com “objetos de sutura”, como por exemplo imagens, músicas e poesias.

Desse modo, quando os discentes entram em contato com as fotografias resultantes da oficina, como álbuns de família passados, as fotografias podem suscitar subjetividades particulares moldadas pela percepção do mundo tanto coletiva quanto individual. Fica-se diante do passado, do que se foi, com a possibilidade de ver e sentir de forma ressignificada pelas interferências do presente.

O exercício de fotografar com câmeras analógicas e analisar seus resultados como processo de formação é importante para refletir determinados comportamentos, remando contra a onda de tsunami de imagens contemporânea digital, capitalista, que quando quebra na cidade-pessoal e coletiva provoca o apagamento das lembranças e da identidade.

#### **4. CONCLUSÕES**

No final do século XX, com o surgimento da fotografia digital, a fotografia analógica acabou perdendo grande parte do espaço obtido, visto que o processo analógico precisa de mais tempo para ser realizado. A fotografia digital é mera demanda de necessidades ansiosas da sociedade industrial, valorizando cada vez mais a produção de imagens em ritmo frenético.

No entanto, ainda que esteja-se em um contexto predominantemente digital, a fotografia analógica resiste à passagem do tempo e às transformações tecnológicas. Pode-se perceber nos últimos anos a rememoração analógica nos filtros do aplicativo Instagram que buscam reproduzir grãos de ISO dos rolos analógicos. O cinema hollywoodiano blockbuster contemporâneo tem investido em filmar analógico por conta da preservação, o filme *Oppenheimer* (Christopher Nolan, 2023), por exemplo, foi gravado em rolos de filme analógicos.

Esta recente retomada do uso da fotografia analógica seria um indício do desejo coletivo de questionar o progresso tecnológico e rememorar o tempo passado? Os modos de produção de imagens em superabundância e inundação estão sendo revistos?

Com isso também é possível discutir sobre a inundação que aconteceu no estado do Rio Grande do Sul. Ela foi fruto de questões climáticas, porém de acordo com estudiosos (IHU; COMUNICAÇÃO, 2024), foi uma catástrofe prevista. Foi resultado de ininterruptas negligências por parte do atual governo do estado com a região, favorecendo práticas capitalistas que esgotam a natureza de forma ambientalmente insustentável e cruel. Em nome de avanços e interesses materiais, a sustentabilidade é cada vez mais rara e por isso ocorrem com mais frequência

alterações climáticas, aquecimento global, extinção de animais, mortos e refugiados.

A inundação (também de imagens) é um reflexo do capitalismo, com ela a cidade já não é mais a mesma, as pessoas que ali habitam também não. Os costumes rituais de caminhos e símbolos cotidianos já não são mais os mesmos. Destroí rotas, casas, álbuns de fotografia, moradias, vidas. A memória tanto individual quanto coletiva é comprometida de forma traumática. Dessa forma, compreende-se relevante analisar o movimento contrário que a oficina *Visto Jamais Visto* em 2023, em Taquari/RS, propôs para os moradores, antes de sofrerem a enchente de 2024 que levou pelas águas álbuns de família, ou seja, desmaterializou memórias e identidades.

Nesse sentido, defende-se a necessidade de um movimento em busca de viver poeticamente, pensando a educação como uma ferramenta crucial para superar as limitações do pensamento capitalista, formadora de cidadãos capazes de compreender e enfrentar os desafios globais, promovendo uma sociedade mais justa e sustentável.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livro

BACHELARD, Gaston. **Os Pensadores. Vida e Obra. A Filosofia do Não. O Novo Espírito Científico. A Poética do Espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.  
CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.  
DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.  
GUILLAUME, Marc. **A Política do Patrimônio**. Porto, Campo das Letras, 2003.  
KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

### Documentos eletrônicos

ALENCAR, Caíque; Barros, Lorena. **Chuvas no RS: nível do rio Taquari passa de 30m e supera marca histórica**. São Paulo, 2024. Online. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/05/02/registre-nivel-rio-taquari-rio-grande-do-sul.htm>  
IHU; COMUNICAÇÃO, Baleia. **Tragédia do Rio Grande do Sul**. Um desastre previsto. Entrevista especial com Paulo Artaxo. Porto Alegre, 2024. Online. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/639153-enchentes-no-rio-grande-do-sul-sao-desastre-previsto-entrevista-especial-com-paulo-artaxo>